

## ***Nota do Autor***

*“A vida não é a que a gente viveu,  
mas sim a que a gente recorda,  
e como a recorda para contá-la.”*

*Gabriel García Márquez*

O conjunto Bossa Jazz Trio era bastante conhecido do grande público apreciador da Bossa Nova nos anos 60, devido às suas esplêndidas aparições em shows e discos, e tinha uma forte presença na mídia da época. Muito jovens, éramos admirados pela maturidade musical que conseguimos em curto espaço de tempo e pela importante contribuição para a Música Popular Brasileira.

Apesar de o nome do conjunto ser bastante mencionado na história da MPB, nada se conta sobre aqueles rapazes que, juntamente com Elis Regina, nos idos de 1968, conquistaram de forma quase heróica o público francês e abriram as portas para a importante carreira de Elis na Europa. Com apenas duas canções, ela conquistou uma das platéias mais exigentes do mundo, composta de 2500 jornalistas, críticos e artistas no II Festival do Disco em Cannes. Em seguida, tornou-se a primeira cantora brasileira a pisar no prestigiado Teatro Olympia de Paris. Junto com ela, sustentando arranjo musical, harmonia e ritmo, estavam os músicos do Bossa Jazz Trio. Nossa marca registrada era a canção “Upa Neguinho” – um dos maiores

sucessos da carreira de Elis Regina.

Como se desenvolveu o Bossa Jazz Trio? Como foi viver essa experiência? Por que Elis Regina – que já era a maior cantora do Brasil – nos escolheu entre tantos músicos excelentes e mais experientes na época, para acompanhá-la no episódio que a levaria para o auge da primeira fase de sua carreira? Este livro é o relato de como criei o Bossa Jazz Trio, e dos sete anos que passei no ambiente artístico tocando bateria e vivendo a história da MPB ao lado de Elis Regina e dos meus companheiros do conjunto. Esta é a história que vou contar, da forma como a recordo, dando atenção, também, ao ambiente e ao momento histórico em que ela se desenvolveu.

Mas por que escrever este livro 40 anos depois? Por alguma razão – que não seria de relevância histórica – a história do Bossa Jazz Trio e da parceria com Elis Regina se perdeu no tempo. Dessa forma, assim como parei de tocar por sentir que um ciclo estava completo, agora sinto que é importante resgatar o que o conjunto realizou e este episódio tão importante da história da MPB. Isso é consequência de uma avaliação de “perdas e ganhos”: já próximo dos 60 anos, parece natural fazer um balanço do que fizemos e vivemos e adquirir uma maior consciência daquilo que realmente foi importante para nós e do legado que estamos deixando. Assim, procurei incorporar no relato algo das coisas aprendidas pelo caminho, as quais espero possam ser úteis a todos que lerem este livro.

Ao começar a escrevê-lo, rapidamente percebi que não poderia explicar minha vida como baterista sem refazer o caminho desde o princípio, registrando como me tornei o rapaz que, em maio de 1963, comprou uma bateria, criou um grupo musical e mudou o rumo de sua vida, para viver experiências que me testariam e transformariam de maneira imprevisível.

Até aquele momento em que comecei a viver o ambiente artístico, eu era uma pessoa moldada pelos valores da minha família, da educação que havia recebido, da minha fé e de tudo que havia

aprendido antes – como filho de um pai contador e conservador e de uma mãe mais liberal, mística, pianista e amante das artes. Curioso e sonhador, tímido (e paradoxalmente ousado), ingênuo, estudante preguiçoso (mas inteligente e versátil), eu buscava um caminho e a afirmação na vida. Fui criado para estudar e obter graduação universitária, fazer carreira em uma grande empresa, respeitar regras, constituir família, ser bom e honesto e ajudar os outros. Um típico produto da classe média paulistana nos anos 60. A influência musical materna, a convivência com a revolucionária geração dos anos 60 e os encontros determinados pela conspiração cósmica quando se busca com paixão a realização de sonhos me levaram ao epicentro da Música Popular Brasileira.

A cada capítulo havia mais pessoas para incluir do que eu poderia citar, mais lugares visitados e situações vividas do que eu poderia descrever. Se eu mencionasse todas as pessoas que me impressionaram, inspiraram, ensinaram, influenciaram e ajudaram ao longo do caminho, este livro se tornaria uma série de volumes. Dessa forma, espero ter conseguido resumir e transmitir a essência dos acontecimentos e relacionamentos que me moldaram e continuam a influir no meu mundo e enriquecê-lo ainda hoje.

Meus 7 anos vivendo a história da MPB me proporcionaram fama e incontáveis momentos de satisfação; também desafiaram minhas crenças e princípios. Vivi intensamente, com pessoas de distintas características e culturas, mudei valores, amadureci. Pode ser que questionem a exatidão desta narrativa, envolvendo fatos, pessoas e acontecimentos, particularmente porque tomei a difícil decisão de contar a história do meu relacionamento pessoal com Elis Regina. Além dos relacionamentos assumidamente públicos – já bastante conhecidos – Elis Regina obviamente se relacionou com outras pessoas. Entre essas pessoas estava eu, uma gota no oceano de sua vida.

Esta é uma história oculta, que decidi contar quase quarenta anos depois, porque nosso relacionamento pessoal permeou e

influenciou não só a história contada neste livro, mas toda a minha vida. Além disso, a vida me ensinou que duas almas não se encontram por acaso. Isso é provavelmente a nossa maior responsabilidade neste mundo, pois cada relacionamento é único, assim como as experiências nele vividas. Consciente disso, o meu relato refere-se apenas à Elis que eu conheci e com a qual convivi no período de junho de 1965 a março de 1968. Fiz o melhor que pude para apresentar minhas observações, pensamentos e sentimentos tais como os vivenciei e como os recordo.

Finalmente, quando escrevemos um livro em que se é narrador e personagem da história ao mesmo tempo, somos forçados a adotar a primeira pessoa, o “eu” como narrador, dando-lhe um aspecto autobiográfico. Este livro não tem a intenção de ser uma autobiografia ou uma história completa. É somente um registro pessoal de quem teve o privilégio de participar de um movimento sem igual na História da MPB, e de compartilhar uma parte da vida com sua mais importante cantora – Elis Regina Carvalho Costa –, vendo de dentro e por dentro um período extraordinário de sua vida e da Música Popular Brasileira.